

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O FIM

HISTÓRIA DRAMÁTICA
EM DOIS QUADROS

1974

LIVRARIA SAM CARLOS
LISBOA

De ANTÓNIO PATRÍCIO

OCEANO (Versos)

O FIM (História dramática em dois quadros)

SERÃO INQUIETO (Contos)

PEDRO O CRU (*Drama em quatro actos*)

DINIS E A ISABEL (Conto de Primavera)

D. JOÃO E A MÁSCARA (Uma Fábula Trágica)

POESIAS (Póstumo)

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

AD-100-000000
O FIM

HISTÓRIA DRAMÁTICA
EM DOIS QUADROS



1 9 7 4
LIVRARIA SAM CARLOS
LISBOA

«L'affirmation de *Ao meu amigo* ses problèmes
les plus étranges et plus ardus; la volonté de vivre
se réjouissant de faire le mal. **VASCO GONÇALVES**
plus élevés, au bénéfice de son propre caractère in-
puisable — c'est ce que j'ai appelé dyonisien, c'est
en cela que j'ai cru reconnaître le fil conducteur qui
mène à la psychologie du poète tragique».

(*Crépuscule des idoles*).

FREDERIC NIETZSCHE

«L'affirmation de la vie même dans ses problèmes les plus étranges et plus ardues; la volonté de vivre se réjouissant de faire le sacrifice de ses types les plus élevés, au bénéfice de son propre caractère inépuisable — c'est ce que j'ai appelé dionysien, c'est en cela que j'ai cru reconnaître le fil conducteur qui mène à la psychologie du poète tragique».

(Crépuscule des idoles).

FRÉDÉRIC NIETZSCHE

PERSONAGENS

A RAINHA VELHA

A AIA

O DUQUE

O MINISTRO

O DESCONHECIDO

Criados. Vestem librés de luto.

A acção passa-se na capital do Reino. Actualidade.

QUADRO PRIMEIRO

O Paço Velho numa das sete colinas da cidade. Sala de recepção. Ao fundo quatro janelas, com cortinados de veludo, dum vermelho púido, já sem brilho. As paredes, vazias, têm grandes manchas de humidade. À esquerda e ao fundo, uma porta dando para o exterior. Ainda do mesmo lado, perto da cena, o trono. Tem um dossel com armas reais, tão complexas de signos heráldicos, que é impossível, mesmo a um erudito, decifrá-las. As armas estão cobertas de crepes. Sob o dossel, num estrado, uma cadeira teatral cujo espaldar remata numa coroa. À direita e ao centro, dando para o interior, uma porta larga e baixa, com um reposteiro armoriado de cores mortas. No primeiro plano, à direita, uma mesa escura com duas cadeiras conventuais de espaldares de couro. Sobre a mesa uma serpentina de prata. Pelas janelas abertas vêem-se cimos de árvores de jardim, perspectivas confusas de casaria, descendo a colina até ao rio, animado de milhares de mastros, com a outra margem mal distinta na luz dúbia. O tecto é de carvalho apainelado, tendo ao centro um escudo de armas colorido.

No chão um tapete com grandes flores fanadas. Entardecer.

Perto da mesa o Duque dá ordens a um criado velho. Tem perto de setenta anos. Cabelo branco, raro. Traços viris que a expressão do olhar desmente: vago, infantil, quase de louco. Um pouco curvado, trémulo. Fala com uma vivacidade de obcecado, pondo reticências nas palavras mais banais. Veste uma sobrecasaca preta, fora de moda.

O DUQUE

Amanhã é o aniversário de S. M. Há recepção. É preciso preparar tudo, não esquecer nada. A senhora condessa há-de ter ordens para lhe dar...

CRIADO

Sim, senhor Duque.

O DUQUE

Veja se é preciso alguma coisa na escadaria, no vestíbulo... Mas devagar. S. M. está recolhida.

Criado sai pela esquerda. O Duque olha com atenção o trono. Instantes depois entra pela direita a Aia. Cinquenta anos, alta: uma expressão de bondade inteligente. Cabelos negros. Maneiras simples que revelam raça. Veste de escuro: sem jóias. O Duque volta-se ao ouvir-lhe os passos.

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

O DUQUE, *indo-lhe ao encontro*

Sossegou mais S. M.?

A AIA

Foi preciso levar para o quarto quantos espelhos há no Paço. Quer ainda mais. Ainda acha pouco. Dão-lhe a ilusão de um grande convívio, duma corte... As criadas estão todas ao pé dela. Volta-se para todos os lados, para as ver reflectidas, e sorri... sorri horivelmente. Diz que é um ensaio para a recepção de amanhã... (*Noutro tom*) Que dia de anos!

O DUQUE

Tenho esperança, senhora condessa, tenho esperança que haja amanhã uma verdadeira recepção...

A AIA, *com desalento*

Isso afinal é o menos. Nós a iludiremos como pudermos, piedosamente. O pior é que agora, a maior parte da pensão é consumida a amortizar as dívidas. O Estado pagou-as: vai-as cobrando assim. E o que resta é a miséria, a mais trágica: a miséria num Paço.

O DUQUE, *com uma insistência de maniaco*

A mim o que me preocupa é a recepção... Escrevi ao Ministro meu amigo. É uma amizade de muitos anos, sempre leal. Fiz-lhe ver tudo. Expuz-lhe com pormenores a situação de S. M. a Rainha-Avó. Pedi-lhe que intercedesse perante o ministério; mostrei-

-lhe a urgência de conseguir um aumento, ao menos provisório, da pensão; de restaurar imediatamente o Paço Velho... (*Animando-se*) e sobretudo, senhora condessa, sobretudo, disse-lhe para falar no Paço Grande e conseguir que à recepção de amanhã, venha o Rei, a Rainha-Mãe, a corte toda... É o dia do aniversário de S. M. a Rainha-Avó. Que ao menos nesse dia se penitenciem, prestando-lhe a homenagem a que tem todo o direito...

A AIA

Mas o Ministro não respondeu ainda...

O DUQUE

Melhor, senhora condessa: vem ele mesmo dizer-me o que conseguiu. É quase a hora. Já a outra semana cá esteve. Mas muito à pressa, não pôde ouvir-me...

A AIA

Eu também queria falar-lhe. Preciso, preciso absolutamente. Mas agora não o posso esperar. É a hora em que a Rainha vai ao jardim. Talvez sair a calme um pouco...

O DUQUE

Mas eu digo-lhe, eu peço-lhe. Vá a senhora condessa descansada. (*Outro tom, olhando-a*) A senhora condessa está nervosa...

A AIA

Começo a perder a serenidade. A Rainha está tão inquieta! Vai ter uma noite de insónia, com certeza. Há mais de uma semana que o médico não vem. Considera-a incurável. Não tem mais nada a dar-lhe. Depois... sempre apreensões... esta incerteza... o estado do país...

O DUQUE

Ah! nisso tem razão, senhora condessa. Também me tem amargurado muito. Decerto, decerto... Ninguém quer saber, ninguém se preocupa com a injustiça de que S. M. é vítima. Se houvesse um movimento de opinião, não procederiam assim no Paço Grande. *(A Aia faz um gesto para o interromper)* Eu sei, eu sei, senhora condessa... Em toda a parte a ingratidão...

A AIA, *contendo-se*

Não era isso o que eu queria dizer...

O mesmo criado entra pela esquerda.

CRIADO, *ao Duque*

O senhor Ministro.

O DUQUE, *com ansiedade*

Mande entrar, mande entrar.

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

A AIA

Vou acompanhar a Rainha ao jardim. Não me demoro. Mesmo porque é já tarde. Está muito húmido... Peça-lhe então, em meu nome, para esperar um pouco.

O DUQUE

Vá a senhora condessa descansada.

A Aia sai. Entra pela esquerda o Ministro. Cinquenta e tantos anos, cabelo grisalho. Aspecto de quem reprime uma grande tensão de nervos. Uma palidez de surmené. Veste com correcção.

O DUQUE, cumprimentando-o

Muito, muito obrigado por teres vindo. Esperava-te ansiosíssimo. (*Fixando-o*) Que tens? Estás abatido, pálido...

O MINISTRO, com esforço

Nada. Estou bem. Um pouco de fadiga.

O DUQUE

Não devias trabalhar tanto. (*Sem poder reprimir-se*) Conseguieste o que te pedi? Estou morto por saber...

O MINISTRO, hesita um instante: bruscamente

Consegui, sim... consegui tudo. (*O Duque olha-o como duvidando ainda*) tudo.

O DUQUE, *comovidíssimo*

Beijo-te as mãos, beijo-te as mãos, meu bom amigo. Olha em roda de ti! Vê se exagero. Estás na sala de recepção do Paço Velho. Olha as paredes, o tapete, puidíssimo... Vê tudo, vê! E amanhã é o aniversário de S. M. Há recepção. (*Levantando a voz*) Vêm do Paço Grande, não é verdade? O Rei, a Rainha-Mãe, vem toda a corte? Falaste como te pedi, fizeste ver...

O MINISTRO, *como mascando
uma ideia fixa, concentrado*

Sim, sim, descansa, vêm todos...

O DUQUE

É o remorso que os trás. Ainda bem. (*Leva o Ministro até à mesa. Sentam-se*) Se tu soubesses o que tem sido, há quase um ano, a nossa vida... desde que, dias depois do regicídio, exilaram no abandono deste Paço S. M. a Rainha-Avó, minha Senhora... Dizem que ela está louca. Não é natural, que depois de ver o filho e o neto assassinados, a dor, o desespero a desvairassem?... Um coração de rainha, como o seu!... Queriam vê-la longe, é o que era. Ainda agora, destronada, o prestígio da sua nobreza, do seu porte, fazem sombra... Depois da sua desgraça, a humilhação deste abandono. (*Olhando as paredes*) O Paço, como tu vês, é um casarão húmido e velho: toda a ala norte é uma ruína. Entra-lhe o vento do mar. Vai lá dormir. O jardim... não vê um jardineiro há muitos